

A TRAJETÓRIA E O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE FRANCISCO FERRER Y GUARDIA

The Trajectory and Educational thought of Francisco Ferrer y Guardia

*Aracely Mehl Gonçalves**

RESUMO

O estudo da Pedagogia Libertária, utilizada pelos anarquistas, tem sido negligenciada vítima de preconceitos que remetem à palavra anarquia. Este artigo discorre sobre a vida e o pensamento educacional de Francisco Ferrer y Guardia, o educador espanhol adotado pelos anarquistas, que mais teve suas idéias pedagógicas aplicadas em solo brasileiro, através da fundação das Escolas Modernas dirigidas por estes militantes durante a Primeira República. Os aspectos educacionais que defendia são considerados modernos até em nossos dias, por serem críticos e procurarem formar homens e mulheres livres e capazes de desvelar a ideologia que os circunda. O Estado reconheceu o perigo deste tipo de educação para a aceitação social da autoridade e, em 1909, Francisco Ferrer foi preso na Catalunha, Espanha, julgado por um conselho de guerra e executado.

Palavras-chave: Anarquismo, Educação, Francisco Ferrer y Guardia, vida, pensamento pedagógico.

ABSTRACT

The study of the Libertarian Pedagogy, used by the anarchists, has been neglected victim of preconceptions that come from the word anarchy. This article discourses on the life and the educational thought of Francisco Ferrer y Guardia, the Spanish educator adopted by the anarchists who had his pedagogical ideas most applied in Brazilian ground, through the foundation of the Modern Schools directed by these militant during the First Republic. The educational aspects that he defended are considered modern even in our days, for being critical and seeking to form free men and women who are capable to unveil the ideology that surrounds them. The State recognized the danger of this type of education for the social acceptance of the authority, and in 1909 Francisco Ferrer was imprisoned in Catalunha, Spain, judged for a court-martial and executed.

Keywords: Anarchism, Education, Francisco Ferrer y Guardia, Life, Pedagogical thought.

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora da Faculdade de Filosofia e Letras de Itararé. Contato: aracelymehl@hotmail.com

Introdução

Na metade do século XIX, a Revolução Industrial, consolidada pelo alto grau de mecanização da produção, tornava a relação capital/trabalho extremamente tensa diante da exploração do trabalhador, que se via cada vez mais distante dos resultados de seu trabalho.

Diante das grandes dificuldades enfrentadas: o deslocamento da zona rural para os centros industriais, as péssimas condições de vida, os baixos salários e o pesadelo das doenças e do desemprego; muitos trabalhadores começam a se organizar em torno de diversas idéias, assim como o socialismo, o anarquismo e o marxismo, que pregavam a distribuição dos meios de produção e das riquezas socialmente produzidas pelo trabalho. Nascem, assim, timidamente e com muita perseguição por parte do Estado e dos industriais, os movimentos em defesa dos direitos operários durante o século XIX.

O capitalismo se mostrou presente a partir da Revolução Industrial, que redefiniu a relação capital e trabalho. À medida que emergia um padrão de acumulação de capital mais vigoroso, centrado na expansão industrial, observava-se a formação de um novo mundo do trabalho, marcado pela presença de novos sujeitos, em especial, o operariado industrial assalariado, que não tinha autonomia porque não possuía os recursos para trabalhar por conta própria. O trabalhador, nessa relação, passa a ser propriedade da classe burguesa, (ENGELS, 1985) e o seu preço, estará atrelado ao valor de procura no mercado, como um produto de consumo.

Ainda que as condições de trabalho fossem degradantes, de extrema exploração das capacidades dos trabalhadores, a iminência de perda dos postos de trabalhos devido à mecanização, fizeram surgir as revoltas contra as máquinas, “[...] produzindo as revoluções de 1848 no continente”. (HOBSBAWM, 1981, p.55).

A busca de emprego era constante, provocando a superpopulação nas cidades que não estavam preparadas para suportar um grande contingente de pessoas desempregadas. As populações se dirigiam para os grandes centros para permanecer próximo aos possíveis trabalhos e por falta de condições, moravam em habitações precárias nos porões e cortiços.

A partir de 1848, foram iniciados os grandes movimentos dos trabalhadores contra a classe dominante na Europa, o que leva ao processo de fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864. Marx foi um dos principais idealizadores, seu objetivo era unir toda a classe operária dos diversos países de forma que a orientação fosse única. Em sua opinião o grande número de operários era um elemento de êxito na luta contra a exploração capitalista, mas via que

[...] os números só pesam na balança quando unidos pela associação e encabeçados pelo conhecimento. A experiência passada¹ demonstrou como a negligência desse laço de fraternidade que deve existir

¹ Referindo-se ao movimento Cartista encabeçado pelos operários ingleses em prol da reforma eleitoral .Os operários ingleses esperavam que uma vez admitido o sufrágio universal, o Parlamento encontraria a solução para todos os problemas que os afetavam, fossem eles políticos ou econômicos, porque, segundo eles a maioria dos votos

entre os operários de diferentes países e incita-los a manter-se firmemente unidos em todas as suas lutas pela emancipação, será castigada com o fracasso comum de seus esforços isolados (MARX, 2004, p.320).

Apesar de alguns países da Europa, assim como a Inglaterra, França, Alemanha, Dinamarca, os países nórdicos, e o norte da Itália já se encontrarem no processo da grande indústria que se desenvolvia a ritmo acelerado, outros países do mesmo continente, assim como a Espanha, ainda se encontravam em um profundo desnível diante destes, com somente algumas regiões em início do processo industrial e a maior parte de seu território ainda extremamente agrícola. A situação da Espanha se dava devido a

[...] sua ortodoxia em torno da Igreja, a disciplina em torno do Estado acoplado à nobreza dominante. Na Espanha cria-se uma “dominação hierocrática”, conforme Weber, onde a Igreja resulta como organizadora de hegemonia vinculada ao Estado, que por sua vez, estava fundado na nobreza, não participando dessa hegemonia a burguesia e o povo (TRAGTENBERG, 1978, p.18).

Neste contexto de grandes transformações em alguns países da Europa mas de total atrelamento a Igreja e a nobreza pelo povo espanhol, nasceu Francisco Ferrer y Guardia, o educador catalão que deu suporte às idéias pedagógicas professadas pelo movimento anarquista.

O início da caminhada de Ferrer.

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em 10 de janeiro de 1859 em Alella, a doze quilômetros de Barcelona. Seus pais, Jaume Ferrer e Maria Àngels Guardia eram camponeses, assim como quase dois terços da população espanhola daquele período, que dependiam da produção agrária. Todavia, devido ao fato de não serem pequenos camponeses, tiveram condições financeiras de dar a Ferrer uma boa educação - ele chegou até mesmo a estudar em uma escola de jesuítas, num país onde a carência educacional era total. A lei de 21 de julho de 1838, que previa o ensino primário obrigatório em território espanhol, não fora efetivada, assim, num total de dezesseis milhões de habitantes somente quatro milhões de espanhóis sabiam ler e escrever. (Idem, 1978)

Num país ainda dominado pela fé e pela obediência ao rei, os pais de Ferrer, católicos fervorosos e monarquistas, criaram seu filho dentro de princípios tradicionais. Contudo, a grande influência de um tio que compactuava com idéias liberais o levou a um incidente² com o vigário local e Ferrer foi enviado para Barcelona aos 14 anos a fim de trabalhar como escriturário, com um comerciante de farinha (GUSSINYER, 2003).

pertenceria então aos operários. Porém, em 1848, o movimento foi derrotado. Segundo Efimov (1977, p.159) “Embora entre as fileiras Cartistas se contassem muitos partidários do socialismo, não se sabia quais os métodos que deviam ser empregados para que o socialismo triunfasse.”

² Seu tio falece e o vigário local proíbe-o de assistir ao enterro. Como Ferrer não o obedece este o esbofeteia. O caso é levado ao bispo e o vigário é deslocado da cidade. (SAFÓN, 2003, p. 18)

A Catalunha, cuja capital é Barcelona, era a região que mais se desenvolvia na Espanha. Diferentemente do restante do país, ainda extremamente agrícola, esta possuía indústrias têxteis, companhias de navegação, banco, produção e exportação de vinhos, indústria metalúrgica e de maquinaria. Devido a estas, também se desenvolviam indústrias de alimentação, couro, madeira, firmas de construção, atraindo assim uma grande quantidade de mão de obra, que emigrava de todo o país, engrossando a fileira do proletariado nesta cidade. (CUADRADO, 1983).

Nesta região, a classe média se desenvolvia a passos largos, através do comércio entre a Espanha e a França, transformando sua capital em um reduto das classes médias urbanas que iriam formar a burguesia liberal da Espanha.

A burguesia liberal que se desenvolvia naquela região levantou um debate ferrenho com a Igreja, pois não aceitava o poder que esta mantinha sobre o Estado Monárquico, intervindo na vida política e social do país. Em busca de colocar seu pensamento na sociedade espanhola, a burguesia via no afastamento da Igreja, na diminuição do poder do Estado e em suas transações comerciais, uma maneira de alcançar uma expansão industrial assim como aquela que havia sido produzida na Inglaterra e em menor medida, mas também eficazmente na França.

O comerciante que recebeu Ferrer em sua loja era um militante destas idéias anticlericais e liberais. Um livre-pensador que aparentemente, o influenciou com seus pensamentos, pois, aos vinte anos Ferrer se declarou um Republicano, anticlerical, e se uniu aos maçons, grupo que se dedicava a disseminar o pensamento liberal e a organizar conspirações políticas na Espanha.

Não se pode dizer, entretanto, que o fato de receber a influência deste comerciante foi o único fator que levou Ferrer a se tornar um republicano, pois também, nesta mesma época Ferrer freqüentou cursos noturnos onde se instruiu e conheceu autores e pessoas que marcaram sua formação intelectual e social. Assim

[...] ele constituirá sua própria biblioteca, interessando - se pelas atividades das sociedades de resistência barcelonenses, lendo Solidaridad Obrera e estudando as idéias de Bakunin. Conhecerá Anselmo Lorenzo, anarquista, autor de O Proletariado militante que se tornará posteriormente tradutor das obras francesas publicadas por sua editora (SAFÒN, 2003, p.19).

Ferrer foi um estudioso das transformações científicas e sociais que ocorriam em Barcelona, a proximidade desta cidade com a França, que já havia declarado a República - a “Revolução Gloriosa” de 1868, a qual destituiu a monarca absolutista Isabel II de Bourbon – e estabeleceu um outro governo e uma nova constituição; tudo isto e mais outros fatores políticos que Ferrer vivenciou em seus 20 anos, fizeram que ele tomasse a decisão de direcionar seu pensamento ao Republicanismo.

O novo governo formado, após a “Revolução Gloriosa”, reconheceu a soberania do povo, deu liberdade à imprensa, e também proclamou a liberdade de ensino e de culto; o que irritou a Igreja Católica e a fez opor-se ao governo representado naquele momento por uma monarquia constitucional. Para tal, os generais no poder, escolheram como rei Amadeo I de Saboya, filho de Víctor Manuel II, rei da recém unificada Itália, que pertencia a uma dinastia com fama de liberal.

Entretanto, esta medida não agradou aos membros do partido Republicano que procurava por modificações mais significativas nas estruturas políticas, sociais e econômicas do Estado e via no poder dos generais uma ditadura militar.

Este descontentamento passou a ser um fator de afastamento da aliança feita pelos partidos existentes³, e os dois anos que duraram o reinado de Amadeo I de Saboya, foram muito instáveis politicamente, levando o rei a abdicar em fevereiro de 1873. (CUADRADO, 1983).

Os Carlistas e os Afonsinos ficaram sem saber quem colocar no trono e, aproveitando-se deste momento de desestabilização da monarquia, os deputados Republicanos e a população de Madrid proclamaram a República, no entanto esta contava com a oposição das instituições mais poderosas do país, a alta burguesia, o alto comando do exército, os proprietários de terras e a Igreja, que eram contrários ao novo regime.

Quatro presidentes da república se sucederam no período de um ano (1873-1874) que durou a Primeira República Espanhola: Figueras, Pi Y Margall⁴, Salmerón e Castelar, até que os Afonsinos, por meio de um golpe planejado por seu líder Cãnovas del Castillo, colocaram o filho de Isabel II no trono, com o título de Afonso XIII, iniciando o período da Restauração da monarquia onde a

[...] fragmentação dos derrotados opositores do sistema- republicanos à esquerda, carlistas à direita - permitiu a Cãnovas, permanecer no poder durante a maior parte do período de 1874-1897, manipulando os políticos e um apolítico voto rural (HOBSBAWN, 1998, p.145).

Desta maneira os Republicanos e Carlistas, que gozavam do apoio popular, foram excluídos da política, pois seus partidos foram proibidos de existir. Devido a isto, o chefe dos republicanos radicais, Manuel Ruiz Zorilla foi exilado e mudou-se para Paris. A classe proletária então, se aproximou do movimento anarquista que tomava forma em Barcelona (CUADRADO, 1983), mediante direcionamento de Giuseppe Fanelli, discípulo de Bakunin⁵, que disseminava entre os jovens intelectuais e operários as idéias colocadas na I Internacional, fundando a Federação Espanhola da Internacional.

Com cerca de vinte anos de idade Ferrer trabalhou como fiscal da Companhia Ferroviária no trajeto de Barcelona a Cerbére, e, neste trabalho, escondeu refugiados políticos procurados, ajudando-os a transpor a fronteira e fugir para a França. Também usou deste artifício para trazer para a Espanha o pronunciamento republicano de Manuel Ruiz Zorilla, aos generais Villacampa e Merelo. (SAFÓN, 2003).

³ Os Carlistas, partidários do tio de Isabel II, Carlos Maria Isidro, os Afonsinos, partidários da volta dos Bourbons através do filho de Isabel II e os Republicanos, grupo que reclamava por reformas mais radicais no campo político, econômico e social e se destacava por um forte anti-clericalismo. (CUADRADO, 1983)

⁴ Tradutor e discípulo de Proudhon, o primeiro pensador a se declarar anarquista, acreditava na liberdade individual, rechaçava o poder do Estado e da Igreja, via na propriedade privada um roubo, pois determinaria à exclusão de muitos e, no mutualismo - uma sociedade de produtores unidos por um sistema de livres contratos - a solução para esta exclusão. Contrariamente a posição marxista da transformação social através de uma ação política, Proudhon via esta transformação sendo dirigida através de uma ação econômica ou industrial. Seus princípios de autogestão, descentralização, federalismo e controle direto, são elementos importantes na teoria anarquista. Para mais informações sobre o assunto ler WOODCOCK. G., 2002., MARX, 2004.

⁵ Para maiores informações sobre este pensador do anarquismo, ler WOODCOCK. G., 2002.

Ferrer participou de uma derradeira tentativa de ver a Espanha se tornar uma República quando o General Villacampa se pronunciou em 1886, mas, esta não alcançou o resultado esperado, pois poucos oficiais o seguiram, e o levante foi sufocado pelo exército na Catalunha.

As esperanças colocadas nas mudanças políticas republicanas são frustradas, o que ocasionou um crescimento das associações dos trabalhadores com fins políticos e econômicos e então, estes trabalhadores começaram a fazer parte da Associação Internacional dos Trabalhadores, dentro do grupo anarquista.

Ao ter seu nome ligado ao levante do General Villacampa, Ferrer foi seriamente comprometido com o republicanismo e, em 1886, se exilou em Paris, onde foi ocupar o posto de secretário de Manuel Ruiz Zorrilla.

A França se encontrava em um grau de desenvolvimento econômico e político completamente diferente da Espanha que Ferrer deixou. Os diferentes aspectos dos dois países levaram Ferrer a reflexões, como esta que se encontra na agenda de endereços usada durante sua estada em Paris

Francia paga al presidente de la República 1.000.000 francos.

España paga al rei niño y a su familia 9.500.000 idem.

Francia paga á sus embajadores de Londres , San Petersburgo y Berlin 40.000 idem.

España paga á sus embajadores de Londres y Berlin 83.000 idem.

A los de Paris y San Petersburgo 92.000 idem.

Francia paga á un arzobispo 15.000 idem.

España paga á un idem 20.000 idem.

Francia paga á un bispo 10.000 idem.

España paga á um idem 15.000 idem.

Francia tiene sobre 40 millones de habitantes y paga por contribución territorial 150.000.000 idem.

España tiene 16 millones de habitantes y paga por la contribución territorial 166.000.000 idem.

Basta. A dónde irá á parar Espana com tanto despilfarro y desgobierno tanto? (FERRER, s/d, p.3)

Para garantir seu sustento, Ferrer trabalhou em diferentes atividades, todas elas sem muito sucesso, até que, com a ajuda de outros maçons, conseguiu um emprego de professor de espanhol na Associação Filotécnica e mais tarde no Liceu Condorcet e, nestes locais, conheceu pessoas que o fizeram refletir sobre o republicanismo já instaurado na França onde ele se põe

[...] em contato con personas de todas clases, tanto em concepto de carácter próprio como em el de su posición social, y examinadas com la idea de ver que prometian respecto de influir en el gran conjunto, sólo vi gente dispuesta a sacar el mejor partido posible de la vida en sentido individual: unos estudiaban el idioma español para proporcionarse un avance en su profesión, otros para estudiar la literatura española Y perfeccionarse en su carrera, algunos hasta para proporcionarse mayor intesidad en sus palaceros viajando por los países en que se habla el idioma. A nadie chocaba

el absurdo dominante por la incongruencia que existe entre lo que se cree y lo que se sabe, ni nadie apenas se preocupaba de dar una forma racional y justa a la solidaridad humana, que diera a todos los vivientes en cada generación la participación correspondiente en el patrimonio creado por las generaciones anteriores (FERRER, 1912, p.12).

Desgostoso com o rumo que tomara o Republicanismo, Ferrer entrou em contato com intelectuais, artistas, ativistas de esquerda e pessoas que, como ele, se interessavam em desenvolver uma obra educacional anticlerical e racionalista. Assim, seu pensamento republicano começou a se direcionar para um republicanismo de base social, com nuances libertárias. (GUSSINYER, 2000).

Correspondeu-se com Tolstoi⁶ e, principalmente, com Paul Robin, secretário da I Internacional de Trabalhadores, que estava na direção de um orfanato próximo de Paris chamado Prèvest, na localidade de Cempuis e onde praticava sua idéia de “educação integral”⁷.

Manuel Ruiz Zorilla faleceu em 1895 e Ferrer se afastou dos republicanos ligando-se mais profundamente aos anarquistas Malato, Grave e Paul Robin. (RODRIGUES,1992).

Mi relación com D.Manuel Ruiz Zorilla, que podia considerarse como centro de acción revolucionaria, me puso em contato com muchos revolucionarios españoles y com muchos y notables republicanos franceses, y su frecuentación me causó gran desengaño: en muchos, vi egoismos hipócritamente disimulados; en otros que reconocí como más sinceros sólo hallé ideales insuficientes, en ninguno reconocí el propósito de realizar una transformación radical que, descendiendo hasta lo profundo das causas, fuera garantía de una perfecta regeneración social (FERRER, 1912, p.11).

Sua bandeira de luta tornou-se então a Educação. Escreveu um livro de gramática em Espanhol e começou a colocar em prática seu pensamento educacional. Além das aulas teóricas, Ferrer adquiriu a prática de

[...] reunir alunos, fora dos cursos, a fim de debater pelo raciocínio e pelo entendimento as dados do ensino teórico, de maneira que cada participante pudesse disso extrair conclusões humanitárias e

⁶ Tolstoi manteve uma escola rural na Rússia. (GALLO, 2006, p.38)

⁷ A educação integral proposta pelo educador e pedagogo Paul Robin, pressupõe uma educação onde o intelecto e o trabalho sejam igualmente privilegiados, um processo político baseada no direito todos em se desenvolver livremente, não um ensino que forme uma classe trabalhadora e uma elite pensante. Para que tal educação se consolide é preciso que levar em conta o desenvolvimento físico, intelectual, moral e manual do indivíduo, seja ele homem ou mulher. Um sujeito educado politicamente, não alienado e portanto não explorado pelo capitalismo. Robin via a educação como um processo histórico, que se desenvolveu através das idéias de diversos educadores, assim como Rabelais e Rousseau, e que foram sistematizadas no Séc.XIX. (GALLO, 1995) Uma das maiores preocupações do ideal da educação integral era propiciar a criança a descoberta através da observação. A questão dos conflitos de classe se resolveria através da preparação das crianças, meninos e meninas, para se tornarem adultos completamente preparados para pensar por si mesmos, sem ter o hábito de repetir teorias sem que elas mesmas as tivessem vivenciado. Esta prática pedagógica vê o homem como um todo, formado por diversos aspectos que se complementam. O educador, dentro desta filosofia educacional, necessita compreender as múltiplas facetas do aluno e respeitá-las, buscando um desenvolvimento harmônico do aluno, pois, “[...] ninguém pode ser feliz se seu desenvolvimento se dá apenas em uma das facetas, relegando as demais ao esquecimento.” (IDEM, 1995, p.97) Para maiores informações ler “Pedagogia do risco” (Idem, 1995).

racionalis. Fazer descobrir os malefícios de toda influência - começando pela sua - e extrair o essencial de todo problema individual, social e político. Disso fazendo a avaliação [...] (SAFÒN, 2003, p.21).

Uma de suas alunas foi Ernestine Meunie⁸, uma senhora católica, de posses e sem família. Ferrer travou uma amizade com ela, suas conversas a levaram a reconhecer que “[...] no todo irreligioso es um perverso, ni todo ateo um criminal empedernido, toda vez que yo, ateo convencido, resultaba uma demostración viviente contraria a su preocupación religiosa” (FERRER, 1912, p.11).

Os dois viajaram juntos pela Espanha, Itália, Bélgica, Inglaterra, Portugal e Suíça. Nesta viagem Ferrer conheceu muitos centros de ensino e fez contatos com outros educadores que compartilhavam suas idéias educacionais.

Em suas conversas Ferrer colocou a Ernestine Meunie sua idéia de criar uma escola anticlerical, sem nenhuma influência do Estado, racional e científica. Ao falecer em 1901, ela lhe deixou boa parte de sua fortuna, a fim de que ele fundasse a escola que idealizara. Assim ele decide: “[...] Llegó um momento que me pareció que se perdía el tiempo si de las palabras no se pasaba a lãs obras” (FERRER, 1912, p. 16) .

Ferrer voltou à Espanha no mesmo ano e encontrou Barcelona em grande expansão industrial; com indústrias têxteis, de mineração, siderurgia, setor vinícola, companhia de navegação e metalúrgica, empregando mais da metade da mão-de-obra operária de todo o país, cujos trabalhadores estavam se organizando em movimentos operários, principalmente, em torno dos ideais do anarquismo. Alguns movimentos e atentados, em nome do anarquismo, já haviam ocorrido no período em que Ferrer estava na França. Jornais⁹ e congressos¹⁰ espalhavam o pensamento libertário por todo o país.

A perda das colônias das Filipinas e de Cuba em 1898 trouxera graves consequências econômicas e sociais à Espanha. Estas colônias espanholas baseavam sua economia na cana-de-açúcar e no tabaco, que era produzido através da mão de obra escrava. Eram colônias que alcançaram um grande desenvolvimento e que eram muito lucrativas para a metrópole; a colônia de Cuba era a maior produtora de cana de açúcar do mundo naquela época. Ajudados pelos norte-americanos, as colônias entraram em guerra contra a metrópole, que teve sua frota destruída no Caribe e, com isso, perdeu mais de 50.0000 combatentes.

Este fato provocou um grande prejuízo econômico ao país, pois, tendo sua economia baseada principalmente no sistema de exploração das colônias, a Espanha não implantou um sistema de modernização econômica e social em seu território. (CUADRADO, 1983). Este fato veio a ser chamado em solo espanhol de “Desastre de 98” e causou uma grande comoção social, pois, a irresponsabilidade do governo havia levado à morte milhares de espanhóis da classe operária, já que esta se constituía na

⁸ Este sobrenome aparece de diferentes maneiras: Meunie (FERRER, 1912), Meunier (RODRIGUES, 1992) e Meunié (GUSSINYER, 2000); o primeiro foi adotado nesta dissertação, por entender ser esta a fonte mais confiável.

⁹ *La Revista Blanca* (CUADRADO, 1983, p.599)

¹⁰ Congresso Anarquista em Madrid no ano de 1900 (Idem)

única que não tinha condições de isentar-se da guerra, os ricos, entretanto, podiam isentar-se do serviço militar pagando 1.500 pesetas ao Estado. (SAFÓN, 2003).

A situação educacional do país ainda era ruim. A Espanha do início do século XX possuía 72% de sua população analfabeta, o que a classificava como uma região não desenvolvida ou atrasada da Europa, ou, ainda, nas margens do desenvolvimento (HOBSBAWN, 1998). A igreja tinha a soberania nas instituições escolares do país, possuindo 80% das escolas, que eram oferecidas separadamente aos meninos e meninas.

Só na cidade de Barcelona as escolas confessionais elevam-se a 489, contra 137 não confessionais, estatais ou privadas, as quais acolham apenas 20.000 alunos sobre uma população de 60.000 crianças a escolarizar (SAFÓN, 2003, p.25).

Este é o cenário onde Ferrer inaugurou sua primeira escola, “La Escuela Moderna de Barcelona”, na Rua Bailén, na periferia de Barcelona, e a editora, “La Editorial”, que daria suporte ao pensamento pedagógico a ser utilizado na mesma.

Para tal empreendimento, recebeu o apoio de livres-pensadores, franco-maçons, republicanos radicais e anarco-sindicalistas.

Ferrer e a Escola Moderna de Barcelona

Ao idealizar sua escola, Ferrer se viu frente a duas opções: tentar colocar seu pensamento pedagógico nas escolas tradicionais já existentes ou fundar novas escolas em que pudesse aplicar seus princípios.

Consciente de que o governo não se opunha a educação das massas, mas sim usava a escola como instrumento para deter o poder, e de que alfabetizar a mão de obra se tornava o mínimo na sociedade capitalista de modo de produção, via que

[...] los progresos de la ciencia y los multiplicados descubrimientos han revolucionado las condiciones del trabajo y de la producción, ya no es posible que el pueblo permanezca ignorante se le necesita instruido para que la situación económica de un país se conserve y progrese contra la currencencia universal. Asi reconocido, los gobiernos han querido una organización cada vez más completa de la escuela, no porque esperen por la educación la renovación de la sociedad, sino porque necesitan individuos, obreros, instrumentos de trabajo más perfeccionados para que fructifiquen las empresas industriales y los capitalles a ellas dedicados (FERRER, 1912, p.56).

Porém, não era este o homem que Ferrer queria formar; a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Ferrer em agosto de 1901, tinha como meta “[...] hacer que los niños y niñas que se confien lleguen a ser personas instruídas, verídica, justas y libres de todo prejuício”. (Idem, 1912, p.21).

Necessitava ser uma escola laica e não estatal totalmente contrária à interferência da Igreja ou do Estado em sua administração, visto que, na opinião deste educador, a escola como estava posta servia ao poder e não libertava o homem.

O local escolhido foi um antigo convento na Rua Baillén, no subúrbio de

Barcelona. A inauguração se deu de maneira discreta, desta maneira, Ferrer esperava não atrair a atenção de seus inimigos; o Estado e a Igreja. Também se afastou do movimento anarquista “[...] para evitar as interferências governamentais, por um lado, e por outro, na esperança de encorajar todas as boas vontades de esquerda a juntar-se a ele” (SAFÓN, 2003, p.25).

A primeira aula aconteceu no dia 8 de setembro de 1901. Compareceram a aula 30 alunos, 12 meninas e 18 meninos (FERRER, 1912, p.28), provenientes de diferentes classes sociais.

Por não ser a escola financiada pela Igreja ou pelo Estado, ela era financiada pelas famílias dos seus alunos que pagavam conforme sua renda, num sistema chamado de gradação de cotas.

Com um pequeno grupo de professores, Ferrer iniciou sua obra educativa. O primeiro passo foi fundar a editora que lhe daria suporte nos livros a serem utilizados em sua escola a fim de realizar seu intento de conduzir uma escola racionalista, visto que Ferrer não considerava que os livros existentes iriam servir ao processo educativo desenvolvido por ele.

Foram publicados 30 títulos¹¹ ao longo dos anos em que funcionou “La Editorial”, bem como 72 números de um Boletim Escolar, no qual estavam incluídos textos de Ferrer e de seus colaboradores e também redações de alunos.

O plano de edição compreendia particularmente duas categorias de obras, aquelas destinadas às escolas, tipos de manuais de gramática, aritmética, história, lição de coisas, etc., repletos de exemplos de conteúdo racionalista, e as obras de vulgarização, a maioria traduzida em várias línguas, naturalmente de caráter didático, concebidos para as bibliotecas e centros populares (SAFÓN, 2003, p.29) .

O espaço escolar era preparado para responder aos aspectos metodológicos apreoados por Ferrer. Havia uma preocupação com o aspecto higiênico por isso as salas de aula eram arejadas e bem iluminadas.

Os materiais didáticos usados para desenvolver o ensino científico e racionalista da escola, também se faziam presentes. Ao ser convidado para a inauguração da Escola Moderna de Barcelona, um repórter do jornal “El Dilúvio”, escreveu:

El material, tan descuidado em la enseñanza de nuestro país, tanto oficial como privada, se halla en la Nueva Escuela representado por láminas de fisiología vegetal y animal, colecciones de mineralogía, botánica y zoología; gabinete de física y laboratorio especial; máquina de proyecciones; substancias alimenticias, industriales, minerales, etcétera [...] (FERRER, 1912, p.23)

Outros aspectos desenvolvidos pela Escola Moderna eram as atividades extra curriculares: visitas a fábricas, museus, etc e a correspondência escolar entre alunos de

¹¹ Os nomes dos livros bem como uma breve descrição sobre os mesmos podem ser encontrados em RODRIGUES, 1992.p.17.

diferentes escolas. As visitas constituíam assuntos de debates entre professores e alunos, que eram incentivados a dar suas opiniões e refletir sobre o que foi dito através do exercício escrito de uma redação, que poderia ser publicada no Boletim da escola ou ainda ser usada como tema a ser discutido ao trocar a correspondência com outro aluno.

O fragmento da carta de uma aluna da Escola Moderna de Barcelona a um menino do Colégio Azul de Madrid, durante o ano de 1904 conta que estando no parque da Cidadela, com os professores, os alunos notaram que a cidade estava toda enfeitada para a visita do rei, fato este que levantou a seguinte discussão:

Alguns colegas maiores fazem comentários e criticam sobretudo o que chamam de ‘desperdício ornamental’ em uma cidade com tanta miséria e com tanta crise operária como a nossa. Organiza-se um grande debate sobre esta questão. Nosso professor de línguas diz que continuaremos falando do tema na aula desta tarde, depois de expormos nossas opiniões e reflexões por escrito em uma redação (GUSSINYER, 2003, p.14).

Os festivais de teatro, realizados ao final do ano letivo, congregavam alunos de diferentes instituições, amigos, familiares e simpatizantes da escola, e, nos conta a mesma menina que seus pais “[...] dizem que os padres e os senhores da escola carlista¹² do bairro, não gostaram nada da festa escolar de encerramento de curso.” (Idem, 2003). A união de um grupo em volta de idéias de liberdade, anticlericalismo e igualdade, vai contra a sociedade a qual as classes dominantes esforçavam-se em conservar

A prática pedagógica desenvolvida pela Escola Moderna não se limitava à educação das crianças. Havia, também, para os adultos, os níveis de extensão universitária, nos quais se tratava a educação popular e o nível de pesquisa em educação. (Idem, 2003, p.42).

O nível da extensão universitária se desenvolvia por intermédio de conferências aos domingos, quando se discutiam livros racionalistas e o Boletín de la Escuela Moderna e se ouvia a palestras de professores universitários. Participavam destes encontros os professores da Escola Moderna, alunos universitários e o público em geral.¹³

[...] celebré um convenio com los doctores D.Andrés Martínez Vargas y D.Odón de Buen, catedráticos de la Universidad de Barcelona, para crear en la Escuela Moderna una Universidad popular, en la que aquella ciencia que en el establecimiento del Estado se da, o mejor dicho, se vende a la juventud privilegiada se diera gratuita al pueblo, como una especie de restitución, ya que todo ser humano tiene derecho a saber, y la ciencia no debe vincularse en una clase [...] (FERRER, 1912, p.87)

O nível de pesquisa em educação se dava na medida em que Ferrer reconhecia a importância de formar professores para a escola racionalista, que fossem capazes de reconhecer as necessidades de seus alunos individualmente, já que criticava a

¹² Referindo-se ao partido Carlista representado pela direita catalã..

¹³ Os pais dos alunos eram incentivados a tomar parte de tais conferências.

uniformidade em matéria de educação e entendia que os professores deveriam ter a iniciativa e a liberdade de adequar a instrução aos seus alunos conforme fosse necessário. Devido a isto o movimento racionalista atribuía “[...] grande importância à pesquisa em ciências da educação, mas uma pesquisa absolutamente articulada à prática pedagógica e, de certo modo, subsidiária dela” (GUSSINYER, 2003, p.43).

Apesar de Ferrer não se dizer um anarquista e não ligar a sua escola a este movimento; sua ligação com os anarquistas era evidente, sendo que sua editora traduz obras de pensadores libertários europeus a fim de formar militantes operários e sindicalistas, e, em 1903 Ferrer patrocinou e dirigiu um jornal “La Huelga General” (A Greve Geral), em que publicou obras de anarquistas e defendeu a greve como instrumento de luta das classes operárias.

Em 1906, um incidente iniciou a escalada de perseguição que Ferrer passou a sofrer por parte da Igreja e do Estado. Um ex-bibliotecário da Escola Moderna de Barcelona, Mateo Morale, atirou uma bomba na carruagem nupcial que transportava o Rei Afonso XIII, comprometendo Ferrer. Mateo se suicida e então, a Igreja e o Estado vêem, neste fato, uma oportunidade de conter o sucesso da Escola Moderna, acusando Ferrer de ser o mandante do atentado.

Ferrer foi preso e levado à prisão modelo de Madrid, onde permaneceu por um ano e escreveu o livro “La Escuela Moderna” explicitando seu pensamento educacional.

O julgamento civil, dentro dos princípios da lei, ao qual foi submetido neste momento, declarou Ferrer inocente, por falta de provas. Todavia, o governo monarquista, juntamente com o setor conservador, decretou o fechamento de sua escola em Barcelona, permanecendo somente a editora (Idem, 2003, p.41). Este fato repercutiu nos meios proletários e liberais por toda a Europa.

Mis enemigos [...] se creyeron triunfantes con haberme incluido en un proceso con amenaza de muerte y de memoria infamada y con cerrar la Escuela Moderna; pero su triunfo no pasó de un episodio de la lucha emprendida por el racionalismo práctico contra la gran rémora atávica y tradicionalista. La torpe osadía con que llegaron a pedir contra mí la pena de muerte, desvanecida, menos por la rectitud del tribunal que por mi resplandeciente inocencia, me atrajo la simpatía de todos los liberales, mejor dicho, de todos los progressistas del mundo, y fijó su atención sobre la significación y el ideal de la Escuela Moderna, produciendo un movimiento universal de protesta y de admiración, no interrumpido durante un año, de mayo de 1906 a junio de 1907 [...] (FERRER, 1912, p.129).

De volta a Paris, criou a “Liga Internacional para a Educação Racionalista”, lançando uma revista, “L’École Rénovée”, que foi editada primeiramente em Bruxelas e depois em Paris. Esta liga tinha como objetivo um plano de extensão internacional da escola racional e científica de Ferrer. Depois de algum tempo, vai a Londres e lá convive com Kropotkin¹⁴ até 1909, quando seu irmão o chama para voltar para Alella, sua cidade natal, pois sua cunhada e sua filha estavam doentes.

¹⁴ Para maiores informações sobre este pensador anarquista, ler WOODCOCK. G., 2002.

Na Espanha, Ferrer é surpreendido pela “Semana Trágica de Barcelona”, durante a qual o protesto contra o envio de tropas ao Marrocos, a última colônia Espanhola, desencadeou aspectos negligenciados das lutas sociais.

Devido às frustradas guerras anteriores empreendidas pela Espanha, esta foi obrigada a chamar os reservistas, já que o contingente militar se mostrava desfalcado e insuficiente para levar uma guerra a cabo.

Essa mobilização - assim como na guerra Hispano-Americana de 1898 quando a Espanha perdeu seus territórios nas Filipinas e em Cuba - afetava de fato somente a classe operária, pois até 1912, os ricos podiam liberar-se do serviço militar pagando ao Estado por sua dispensa. (SAFÒN, 2003).

A rebelião começou durante o embarque dos soldados, quando cerca de dez mil pessoas revoltadas, no momento em que se despediam de amigos e familiares, foram brutalmente afastadas pela Guarda Civil.

Munida de tijolos, a multidão enfurecida atacou os guardas no cais do porto e iniciou uma série de rebeliões que acabou por queimar igrejas e conventos e depredar vários edifícios da cidade.

A rebelião foi seguida de uma greve geral, por uma semana o povo apoderou-se das ruas até ser reprimido pela Guarda Nacional. A Semana Trágica teve um custo humano muito alto: centenas de mortos, feridos e destruições. Estas rebeliões não foram suficientes para abalar os alicerces políticos do governo, porém foram importantes pelo fato de mostrarem a vulnerabilidade do sistema governamental.

Os perseguidores de Ferrer viram neste episódio uma oportunidade de acusá-lo novamente de estar envolvido nas rebeliões, uma vez que, em seu discurso pedagógico, estavam contidas palavras em defesa da classe proletária que se encontrava sob a égide do pensamento ideológico da Igreja e da nobreza espanhola. Para Ferrer, o racionalismo pedagógico praticado nas Escolas Modernas deveria mostrar aos

[...]homens e mulheres que não devem esperar nada de nenhum ser privilegiado(fictício ou não); e que devem esperar tudo da própria razão e da solidariedade livremente organizada e aceita (FERRER,1912, p.119).

Ferrer foi então aprisionado, teve sua editora fechada e mais de cem mil livros produzidos por ela foram confiscados. Ele então foi conduzido a um tribunal de guerra - o que por si só constituiu um fato marcante, já que Ferrer era um antimilitarista convicto, tendo inclusive escrito livros a respeito da natureza errônea da guerra e os publicado na editora da Escola Moderna de Barcelona.

Então, a portas fechadas, “[...] onde só o depoimento da acusação é ouvido, transcorrendo o processo sem que as testemunhas de defesa sejam ouvidas, e sem acareação” (TRAGTENBERG, 1978, p.26) Ferrer foi acusado de ser o autor e chefe da revolução da Semana Trágica de Barcelona, e foi condenado à morte.

No dia 13 de outubro de 1909 ele foi fuzilado, “[...] gritando em frente ao pelotão de fuzilamento: Viva la Escuela Moderna” (RODRIGUES, 1992, p.15)

O Racionalismo Pedagógico

Ao desenvolver seu método, Ferrer sofreu grande influência do pensamento do filósofo Rousseau, que se opunha ao processo de aprendizagem aplicado pelos educadores religiosos, repleto de normas e regras. “A Pedagogia ativa” de Rosseau defendia a experiência e descoberta individual, onde o aluno iria construir seu próprio conhecimento. Os processos educativos, assim como as relações sociais, têm sempre a noção de liberdade como direito e dever do homem no pensamento de Rousseau.

Porém, diferentemente da educação dos liberais que usam esta forma de pensamento pedagógico para desenvolver a “[...] liberdade individual, dom divino que daria suporte ao projeto burguês de sociedade [...]” (GALLO, 2006, p.39), a educação libertária viria a ser de cunho social e coletivo, criticando o capitalismo que em sua opinião gerava a desigualdades, ou seja, colocava

[...] diante da nobreza e do clero a idéia de que as diferenças, os privilégios de que eles usufruíam, não eram naturais e muito menos divinos, mas eram sociais. E enquanto diferenças sociais, configuravam injustiça, enquanto injustiça, não poderia continuar existindo. Logo, aquela sociedade fundada em senhores e servos não poderia persistir (Idem, p.51).

Ferrer estava consciente de que as classes dominantes sabiam do poder que manteriam inalterado ao ter o controle da escola e afirmava que:

Los gobiernos se han cuidado siempre de dirigir la educación del pueblo, y saben mejor que nadie que su poder está totalmente basado em la escuela y por eso la monopolizan cada vez com mayor empeño (FERRER, 1912, p.55).

Para combater a educação conformada aos dogmas sociais de obediência - sustentada pela Igreja e pelo Estado, no qual se impõem pensamentos pré-fabricados, adaptando-a ao sistema social - era necessário que uma outra ação educativa se desenvolvesse dentro da escola. Educar, neste paradigma, “[...] consiste em ajudar as tendências positivas da criança a se desenvolverem e não submetê-la a preceitos imperativos do tipo de mandato dogmático religioso ou secular” (TRAGTENBERG, 1978, p.29).

Esta educação deveria formar indivíduos combativos, justos, verídicos, livre de preconceitos, que reivindicassem seus direitos. Era necessário portanto

[...] levar à criança um ensino que a faça compreender os males do dogmatismo em seu próprio espírito e no campo social. Será o ensino racional, um método de defesa contra o erro e a ignorância; um ensino que ressaltará o inconveniente que existe em submeter seu próprio critério a um dogma de seita, de escola ou partido, substituindo o estudo dogmático pelo estudo racional das ciências naturais (SAFÒN, 2003, p.39).

Seu plano educacional incluía a todos, independente de sexo ou classe social, já que em sua opinião, não pode haver um monopólio do conhecimento.

La verdad es de todos y socialmente se debe a todo el mundo. Ponerle precio, reservarla como monopolio de los poderosos, dejar en sistemática ignorancia a los humildes y, lo que es peor, darles una verdad dogmática y oficial en contradicción con la ciencia para que aceptem sin protesta su ínfimo y deplorable estado, bajo un régimen político democrático es una indignidad intolerable, y, por mi parte, juzgo que la más eficaz protesta y la más positiva acción revolucionaria consiste en dar a los oprimidos, a los desheredados y a cuantos sientan impulsos justicieros esa verdad que les estafa, determinante de las energías suficientes para la gran obra de la regeneración de la sociedad (FERRER, 1912, p.20).

A educação da mulher, dentro do pensamento citado acima, também era de vital importância, já que a mulher, na visão de Ferrer, não deveria ficar reclusa ao lar, seu âmbito de ação deveria se abrir para todas as atividades da sociedade, a fim de que esta fosse realmente a companheira do homem e também capaz de educar seus filhos dentro do pensamento libertário, livre de dogmas religiosos tão presentes nas vidas das mulheres naquele período histórico. Para que isto ocorresse, ela deveria receber os mesmos conhecimentos, qualitativa e quantitativamente falando, que os homens.

Lo que palpita, lo que vive por todas partes em nuestras sociedades cristianas como fruto y término de la evolución patriarcal, es que la mujer no pertenciendo a si misma, siedo ni más ni menos que un adjetivo del hombre, atado continuamente al poste de su dominio absoluto, a veces...con cadena de oro. El hombre la ha convertido en perpetua menor, una vez mutilada ha seguido para con ella uno de los términos de disyuntiva siguiente: o la oprime y le impone silencio, o la trata como niño mimado...a gusto del antojadizo señor (Idem, 1912, p.31).

Não somente a co-educação de sexos, mas também a co-educação de classes sociais era incentivada por Ferrer. Uma co-educação social, entre pobres e ricos a fim de que, ao receberem juntos a mesma educação não lhes fosse inculcada a idéia de conservação e aceitação de privilégios e vantagens como ato natural por uma das classes.

La coeducación de pobres e ricos, que pone em contacto unos com otros en la en la inocente igualdad de la infancia, por medio de la sistemática igualdad de la escuela racional, esa es la escuela, buena, necesaria e reparadora (Idem, 1912, p.36).

Num ensino em que predominava o sentido da cooperação sobre o da competição e a alegria sobre o mutismo, a importância dada aos jogos é grande, visto que, por intermédio deles, a criança poderia manifestar seus desejos, aprender a aceitar as diferenças alheias e também solidarizar com os demais. O jogo se torna então um espaço, no qual o professor tem a oportunidade de conhecer a individualidade de seu aluno e, também, um momento de expressão cooperativa que terá sua continuidade no ambiente de trabalho.

Um trabalho desse tipo será criativo, muitas vezes artístico, não alienante, o trabalho como foi concebido pela sociedade anarco-comunista. Para o fundador da Escola Moderna, uma pedagogia

bem-articulada, devia partir do belo instinto do cumprimento [do trabalho] que se encontra apenas nos homens [...](GUSSINYER, 2003,p.39).

O sentido de aptidão ou incapacidade para se desenvolver nesta ou naquela atividade não existia no ideário da Escola Moderna, pois, ao acreditar que as crianças adquirem suas idéias ao longo da vida e por meio das pessoas que a rodeiam dotar-lhe de um ambiente positivo, racional e verdadeiro faria com que todos pudessem tornar-se preparados para os estudos e para a vida.

A Escola Racionalista deveria, portanto, tornar todos os alunos aptos para sair da escola e entrar na vida social e serem seus próprios mestres e guias, livres de toda tutela, inclusive a dos seus próprios mestres racionalistas (SAFÓN, 2003).

A aprendizagem se dava pela experiência por meio de observação e prática, o que deveria ajudar a criança em seu desenvolvimento espontâneo, sem idéias pré-concebidas, impostas e legitimadoras das injustiças sociais.

[...] toda imposición dogmática era descubierta e rechazada, toda incursión o desviación hacia el terreno metafísico era inmediatamente abandonada, y poco a poco la experiencia iba formando esa nueva y salvadora ciencia pedagógica, y esto, no sólo por mi celo y vigilancia, sino por los primeros profesores, y en ocasiones hasta por dudas e ingenuas manifestaciones de los mismos alumnos (FERRER, 1912, p.50).

A questão da higiene individual e da escola também chamou a atenção de Ferrer que via no ato de ensinar às crianças a importância da limpeza, não só uma maneira de controlar as diversas enfermidades que se desenvolviam dentro do ambiente escolar¹⁵, mas também de estender sua ação aos lares de seus alunos, uma vez que, acostumados com a higiene na escola influenciavam seus pais, pedindo para banhar-se, escovar os dentes, lavar e trocar as roupas, etc.

Além das atitudes rotineiras cobradas pelos professores, os alunos participavam de conferências semanais sobre práticas higiênicas, praticavam a educação física e mantinham um “caderno biológico” no qual anotavam as enfermidades que contraíam, o que possibilitava aos professores saber quem poderia continuar freqüentando as aulas em caso de alguma epidemia.

Os alunos eram incentivados a discutir, refletir e analisar os fatos que os rodeavam, a fazer análises críticas que seriam depois sistematizadas em forma de redações.¹⁶

¹⁵ Ferrer cita doenças como a difteria, sarampo, escarlatina, tuberculose, as enfermidades dos olhos, sarna, etc.

¹⁶ Apresentamos a seguir alguns extratos de redações que foram publicados pelo *Boletim de la Escuela Moderna*: Niño de 11 años: “ Los párasitos que consumen y no producen pensando siempre em la explotación, desprecian al trabajador, que gana um jornal muy reducido trabajando muchas horas diarias casi sin poder mantener su familia. Si la sociedad estuviera organizada de otro modo, no habria quien se muriera de fastidio (modismo catalán), mientras los ricos están disfrutando.”

Niña de 12 años: Los hijos de los burgueses y de los trabajadores no son todos de carne y hueso? Pues, por qué en la sociedad hán de ser unos diferentes de otros?

Niña de 13 años: “ La explotación del hombre por el hombre es despiadada, inhumana y cruel...ha de llegar día en que los trabajadores se unan para exigir de la burguesia que cese para siempre tan inicua explotación.”

O processo de avaliação adotado na escola previa que os professores fossem avaliando os trabalhos, deveres, exercícios e lições dos alunos na medida em que estes os faziam, sem exames. Em sua opinião, os exames eram situações de angústia e ansiedade para os alunos, não provavam seu conhecimento, somente a sua capacidade de memorização, e, as notas que dele provinham - sejam elas prêmio ou castigo, serviriam somente para sacramentar a desigualdade, estimular a competição entre os alunos, satisfazer o amor próprio dos pais e a vaidade dos professores. (TRAGTENBERG, 1978).

Comencemos por introducir desde la escuela tan saludables costumbres: dedíquense los pedagogos a inspirar el amor al trabajo sin sanciones arbitrarias, ya que hay sanciones naturales e inevitables que bastará poner en evidencia. Sobre todo evitemos dar a los niños la noción de comparación y de medida entre los individuos, porque para que los hombres comprendan y aprecien la diversidad infinita que hay entre los caracteres y las inteligencias es necesario evitar a los escolares la concepción imutable de buen alumno[...] (FERRER, 1912, p.68).

Uma pedagogia diferenciada precisava de um corpo docente diferenciado para atendê-la.

Ferrer levantou a questão de que o professorado, como estava posto, fazia parte da classe dos opressores, uma vez que, consciente ou inconscientemente, mantinham os princípios ideológicos das classes dominantes, pois haviam sido formados por e para ela. Eram, portanto, reprodutores das diferenças e perpetuadores da exploração, da obediência. “Educar equivale actualmente domar, adiestrar, domesticar” (Idem, 1912, p.59).

Para formar educadores para sua escola, Ferrer colocou um anúncio no jornal e criou uma espécie de Escola Normal, onde candidatos a professores de ambos os sexos tinham aulas sob a tutela de um professor experimentado a cerca da pedagogia racionalista (Idem, p.50)

Los profesores e jóvenes de ambos os sexos que deseen dedicarse a la enseñanza racional e científica y se hallen despojados de pre-ocupaciones, supersticiones y creencias tradicionales absurdas, pueden ponerse en comunicación con el Director de La Escuela Moderna para la provisión de plazas vacantes en varias escuelas. (Idem, p.53).

Esta “Escola de professores” funcionou até ser fechada pelo governo.¹⁷ Um outro aspecto que diferenciava o pensamento de Ferrer do que estava posto nas escolas, mesmo nas escolas da republica francesa, que se tornaram um exemplo mundial, era o programa escolar unificado onde um mesmo “[...] programa escolar rege todo o país, onde às 9 horas da manhã o Ministro da Educação quer ter certeza que todas as crianças estão lendo, contando, escrevendo” (TRAGTENBERG, 1978, p.30).

¹⁷ Ferrer não menciona a data de fechamento, somente cita “[...] hasta que la arbitrariedad autoritaria, obedeciendo la instigación de misteriosos y poderosos enemigos, se opuso a nuestra marcha[...]

Ferrer defendia que as necessidades e curiosidades dos alunos deveriam estar presentes no programa escolar e o professor teria a liberdade para adequar o ensino a estes fatores. Não ouvi-los seria sufocar esta necessidade e assim fazer a criança perder o desejo de aprender.

Considerações Finais

Apesar de sua morte em frente ao pelotão de fuzilamento, a Escola Moderna continuou seu trabalho educacional. Em 1908 cerca de mil alunos já estudavam em Escolas Modernas na província de Barcelona (Idem, 1992). Os materiais editados para uso de sua escola foram utilizados por

[...] inúmeras escolas privadas da época [...] umas setenta sociedades, centros, ateneus, federações e associações operárias. E mesmo depois, quando a Escola Moderna foi proibida pelo Estado¹⁸, a utilização não cessou de ampliar-se” (SAFÒN, 2003, p.26).

A Escola Moderna de Ferrer, com seu racionalismo, também encontrou espaço em outros locais da Espanha e em países como Portugal, Brasil¹⁹, França, Itália, Suíça, Holanda, Estados Unidos da América, Canadá, Argentina e outros, fazendo com que as palavras de Ferrer, “[...] los encarnizados enemigos de la obra y del obrero fueron sus más eficaces cooperadores, facilitando la creación del racionalismo internacional”(FERRER, 1912, p.129), expliquem a continuação do sucesso da escola mesmo depois da execução deste.

Somente em 1911 foi levantado o embargo dos bens deixados por Ferrer, sendo estes devolvidos aos seus herdeiros, pois, nos dois mil processos decorrentes da insurreição de Barcelona, não se acharam provas ou mesmo evidências da intervenção de Ferrer na Semana Trágica de Barcelona. (RODRIGUES, 1992)

Ao resumir o racionalismo pedagógico de Ferrer, a fim de facilitar as análises do leitor, este pensamento poderia ser apresentado desta maneira:

1º A educação é- e deve ser tratada como – um problema político crucial (trata-se de ocupar o lugar que o poder hegemônico da burguesia exerce na escola;2º O ensino será científico e racional ao serviço das verdadeiras necessidades humanas e sociais, da razão natural e não da razão atifical do capital e da burguesia;3º Co-educação , pois a mulber e o homem completam o seu humano, 4º Co-educação de ricos e dos pobres;5º Orientação anti e a - estatal da educação; 6º A importância do jogo no processo educativo; 7º Pedagogia , individualizada, sem competência técnica nem profissional;8º Ausência de prêmio e castigos, supressão de exames e concursos (SOLÀ apud MORAES, p.22).

¹⁸ Fato ocorrido em 1909, após a morte de Ferrer.

¹⁹ As Escolas mais famosas são as Escolas Modernas n.1 e n.2 na cidade de São Paulo, porém existiram outras escolas que utilizaram o pensamento pedagógico de Ferrer em diferentes cidades brasileiras.Todas elas foram organizadas e dirigidas pelos militantes anarquistas residentes no local.

Devido a sua defesa da liberdade individual, seu pensamento anticlerical, a idéia de respeito ao diferente, a defesa do científico sobre o dogmático, a educação para todos, independentemente de classe ou sexo e os demais aspectos de sua pedagogia antes discutidos neste artigo, o pensamento educacional de Ferrer foi adotado pelo movimento anarquista, o qual compactuava destes ideais e que se tornou um grande propagador das suas idéias em muitos países da Europa e, também, através do advento das imigrações para as Américas: no Brasil, Argentina e Estados Unidos da América.

Francisco Ferrer y Guardia foi o educador que mais teve suas idéias pedagógicas aplicadas em solo Brasileiro, através da fundação das Escolas Modernas em vários lugares do Brasil. Os aspectos educacionais que defendia são considerados modernos até em nossos dias, por serem críticos e procurarem formar homens livres; o sujeito autônomo tão em voga nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas governamentais atualmente.

Ferrer e os libertários no entanto, chamavam a atenção, já no final do século XIX e início do século XX da mentira que era esta escola governamental que diz pretender formar indivíduos livres, pois, para a classe dominante não há por que formar indivíduos com vontades próprias, questionadores, que construam seus próprios pensamentos e definam seus caminhos como queiram. Ferrer não acreditava que a escola do governo fosse criar um modelo pedagógico que revolucionasse o sistema social e melhorasse as condições de vida dos trabalhadores. Esta escola iria sim ensinar os pobres a aceitar a estrutura social vigente, e ensinar que só se pode conseguir melhoramentos com o esforço próprio e dentro da classe social a que ele pertence. Estes indivíduos foram e ainda são considerados uma ameaça ao sistema dominante vigente, que só conforma e forma os alunos de acordo com seus planos .

Referências

CUADRADO, M. M. **Historia de Espana Alfaguara VI: La Burguesia conservadora (1874-1931)**, Ed. Alianza, Madrid, 1983.

EFIMOV, **História Moderna**. Vol. 1 e 2. Editorial Estampa, Lisboa, 1977

ENGELS, F. A Situação da Classe Operária na Inglaterra. **Obras Escolhidas**. Ed. Alfa-Omega. São Paulo, SP, 1985

FERRER, F. **La Escuela Moderna**, Ed. Solidaridad, Barcelona, 1912

GALLO, S. **Pedagogia do Risco**, Ed. Papyrus, Campinas, SP, 1995.

_____. Ferrer e a Pedagogia Racional: um balanço, cem anos depois. In: **Revista Educação Libertária**, n.1. Instituto de Estudos Libertários, Ed. Imaginário, 2006.

GUSSINYER, P.S., Francesc Ferrer i Guàrdia: A Escola Moderna. In: **Pedagogias do Século XX**. Ed. Artmed, 2003.

HOBSBAWN, E. **A Era das Revoluções: Europa 1789–1848**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A Era dos Imperios**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1998.

MARX, K. **Miséria da Filosofia**, Ed. Ícone, São Paulo, SP, 2004.

RODRIGUES, E. **O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia**. Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, RJ, 1992.

SAFÓN, R. **O racionalismo combatente de Francisco Ferrer y Guardia**. Ed. Imaginário, São Paulo, SP, 2003.

SINGER, P. **A formação da classe operária**. Ed. Atual, São Paulo, SP, 1985.

TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. In: **Revista Educação e Sociedade**, Ed. Cortez, n.1, 1978

Fontes Primárias:

Fundación Francisco Ferrer Y Guardia

Caderno agenda de Francisco Ferrer y Guardia s/d.

Recebido em maio de 2008

Aprovado em setembro de 2008